

**ATELIÊ DE EDUCAÇÃO E IMAGEM
AIE/UNEMAT**



1 IDENTIFICAÇÃO DA PROPOSTA:

1.1 TÍTULO DO PROJETO:

O QUE FAZ UMA ESCOLA SER UMA ESCOLA?

1.2 COORDENADORA:

Profª Drª Maritza Maciel Castrillon Maldonado

1.3 EQUIPE:

Professores:

Dr. Dimas Neves Santana - UNEMAT

Drª Luciene Neves - UNEMAT

Mestrandos:

Tiago Silva Rabelo

Rita de Cássia Beck

Marizeth Amorim

Nattan Ricardo de Campos

1.4 INSTITUIÇÃO:

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT “Carlos Alberto Reyes Maldonado”

Campus Universitário de Cáceres “Jane Vanini”

Faculdade de Educação e Linguagem – FACEL

Curso de Pedagogia

Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação

1.5 Período de Execução: Setembro de 2020 a setembro de 2022

2 RESUMO:

Este projeto tem por objetivo compor cartografias de *encontros* que acontecem em *espaçostempos* de escolas públicas da zona urbana, do campo e indígena e reverberam nos currículos. A ideia central é não reproduzir códigos estabelecidos que rondam ideais de escola, currículo, professor e aluno. Busca-se experimentar maneiras *outras* de ver, ouvir, sentir e traduzir aqueles *espaçostempos*, seus movimentos, seus habitantes, para pensar “o que faz de uma escola ser uma escola?” Com isso, pretende-se, de início, compreender sentidos hegemônicos de escola, currículo, professor, aluno, problematizando as condições que possibilitaram a emergência dessas práticas discursivas e não discursivas, desenvolvendo uma análise arque-genealógica (FOUCAULT, 1998). Em seguida, a partir de pesquisas cartográficas (DELEUZE, 1997) desenvolvidas em *espaçostempos* de escolas públicas urbanas, do campo e indígena, narrar sentidos *outros* de escolas, currículos, professores, alunos. A partir desses encontros, pretende-se compor narrativas escritas e audiovisuais que oportunizem “tremores” ao pensamento hegemônico com base nos acontecimentos cotidianos que movimentam esses *espaçostempos*. A concepção teórica que propicia o tipo de análise que pretendemos, situa-se em uma perspectiva que rompe com a ideia de uma investigação que procura um modelo “iluminado” e “verdadeiro” que sirva de parâmetro para o conhecimento. Movimentamo-nos *entre* o pensamento pós-estruturalista, tendo como interlocutores principais Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, Tomaz Tadeu da Silva, Alfredo Veiga-Neto, Sílvio Gallo, Rodrigo Guéron e os estudos dos cotidianos escolares, conversando com Masschelein e Simons (2017), Jorge Larrosa, Nilda Alves, Sílvio Gallo, entre outros autores que se interessam pela escola. A pesquisa será desenvolvida pelo Ateliê Educação e Imagem do PPGEdu/UNEMAT, *campus* universitário de Cáceres, contando com apoio logístico da UNEMAT para ser implementada. Os acontecimentos narrados a partir dos *encontros* nas escolas serão considerados *intercessores* para o pensamento e mobilizarão as produções escritas e audiovisuais resultantes do projeto, bem como os cursos de formações continuadas oferecidos.

PALAVRAS-CHAVE: Escolas, Currículos, Cartografias, Professorxs, Alunxs.

ABSTRACT

The main purpose of the project is to compose cartographies of *encounters* that take place in *times-spaces* of public schools, in the urban, rural, indigenous areas and reverberate in the curriculum. The main idea is not to reproduce established codes that surround ideals of the school, curriculum, teachers, and student. We are looking forward to experimenting with other ways of seeing, hearing, feeling, and translating those *times-spaces*, their movements, their habitants. With this, it is intended, at first, to understand hegemonic meanings of school, curriculum, teacher, student, problematizing the conditions that made possible the emergence of these discursive and non-discursive practices, developing an archaeological-genealogical analysis (FOUCAULT, 1998). Then, from cartographic research (DELEUZE, 1997) developed in *times-spaces* of urban public schools, rural and indigenous, narrate *other* meanings of schools, curriculum, professors, and students. From these meetings, we intend to compose written and audiovisual narratives that provide “tremors” to hegemonic thinking based on the daily events that move these *times-spaces*. The theoretical conception that provides the type of analysis that we intend, is located in a perspective that breaks with the idea of an investigation that looks for an “enlightened” and “true” model that serves as a parameter for knowledge. We move *between* post-structuralist thinking, having as main interlocutors Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, Tomaz Tadeu da Silva, Alfredo Veiga-Neto, Sílvia Gallo, Rodrigo Guéron and the studies of school’s dailies events, talking to Masschelein and Simons (2017), Jorge Larrosa, Nilda Alves, Sílvia Gallo, among other authors who are interested in the school. The research will be developed by Ateliê Educação e Imagem at PPGEduc / UNEMAT, Cáceres university *campus*, with logistical support from UNEMAT to be implemented. The narrated events coming from the meetings at the schools will be considered *intercessors* for deep thinking and will mobilize the written and audiovisual productions resulting from the project, as well as the continuing education courses offered.

KEYWORDS: Schools; Curriculum; Cartographies; Professors / Teachers; Students.

3 PROBLEMATIZAÇÃO:

O que faz uma escola ser uma escola? Os elementos que constituem “o escolar” desde o século XVII continuam produzindo efeitos? São suficientes, estão defasados, precisam ser redefinidos?

4. INTRODUÇÃO:

Esta é uma proposta de continuidade do projeto desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Currículo, Sociedade e Cultura Contemporâneos – GEPECSCC/CNPq/UNEMAT, intitulado “Cartografias de Escolas: acontecimentos cotidianos que movimentam currículos e constituem professorxs e alunxs”, desenvolvido no período de Fevereiro de 2020 a fevereiro de 2022. Considerando que esse foi o período da pandemia pela COVID-19, o grupo de pesquisadores que planejou esse projeto ficou impossibilitado de adentrar ao espaço-tempo da pesquisa. Assim, desenvolveu ações outras, já apresentadas em relatório, e, agora, redefinindo-o em alguns pontos e potencializando em outros, o desenvolverá.

“Pisa 2018: Brasil é 57º do mundo em ranking de educação”
(REVISTA ES BRASIL, dia 08/12/2019)

“IDH: Educação estagnada ameaça crescimento econômico e produtividade” (O Globo, 08/12/2019)

“Pisa: Brasil fica entre piores, mas à frente da Argentina.”
(UOL, 03/12/2019);

“Cenário da educação básica no Brasil é alarmante, aponta IDEB: qualidade na formação do professor e moelo de ensino precisam de mais atenção”. (Matéria de Laura Rachid, Revista Educação, acesso em 09 de dezembro de 2019);

“A escola pública é cemitério de sonhos” (Tabata Amaral, 14 de junho de 2019, NEXO JORNAL)

A escola constitui-se em um maquinário normalizador, colonizador e alienante, que impõe, estabelece e reproduz mais ou menos violentamente certa ordem social? A escola está velha, caquética, desmotivada... a escola está desatualizada, não acompanha as transformações do mundo... na escola não cabe a vida... a escola não alcança os índices... Conservadores e

progressistas veem a escola, falam sobre ela, analisam-na e tecem críticas a esse *espaçotempo* que constitui pessoas há, pelo menos, aos moldes modernos, quatrocentos anos. Transformamos, neste projeto, em problematizações, as críticas comumente feitas à escola e sintetizadas por Masschelein e Simons (2017). A ideia principal da pesquisa é escavar as ruínas das práticas discursivas e não discursivas que se encontram na escola para potencializar esse *espaçotempo*. Pretende-se, assim, produzir mapas de escolas, acompanhando seus movimentos, sentindo seus cheiros, visibilizando suas dores, potencializando seus sabores, com o objetivo de compor cartografias de *encontros* que ali acontecem, reverberam nos currículos e constituem professorxs e alunxs. A pesquisa será desenvolvida em escolas públicas da zona urbana, do campo e indígena. A ideia central é não reproduzir códigos estabelecidos que rondam ideais de escola, currículo, professor e aluno¹. Busca-se experimentar maneiras *outras* de ver, ouvir, sentir e traduzir aqueles *espaçostempos*, seus movimentos, seus habitantes. Com isso, pretende-se, de início, compreender sentidos hegemônicos de escola, currículo, professor, aluno, problematizando as condições que possibilitaram a emergência dessas práticas discursivas e não discursivas, desenvolvendo uma análise arque-genealógica (FOUCAULT, 1998). Em seguida, a partir de pesquisas cartográficas (DELEUZE, 1997) desenvolvidas em *espaçostempos* de escolas públicas urbanas, do campo e indígena, narrar sentidos *outras* de escolas, currículos, professorxs, alunxs, em suas complexidades, pluralidades, singularidades. A partir desses encontros, pretende-se compor narrativas escritas e audiovisuais que oportunizem “tremores” ao pensamento hegemônico. Concomitante ao desenvolvimento da pesquisa, serão oferecidos aos professorxs das escolas investigadas, cursos de formação continuada a partir das problematizações, produções escritas e audiovisuais resultantes da pesquisa. Em relação às produções audiovisuais, pretendemos produzir filmes, curtos e longos, que acompanhem os movimentos cotidianos das escolas e que provoquem “tremores” ao pensamento hegemônico. Concebemos, com Deleuze, que cinema e realidade não são duas instâncias distintas (GUÉRON, 2011). O cinema, nesse sentido, é descrito como uma potência, uma possibilidade de criação do real. Compreendemos, assim, que as imagens e sons ali produzidos e circulados podem suscitar uma multiplicidade de encontros com os *praticantespensantes* dos cotidianos educacionais que podem criar outras possibilidades para se pensar escola, currículo, professor e aluno. Guéron prossegue sua narrativa dizendo que os cineastas percebem que “é saindo em busca de um lugar-limite, onde os sentidos se fecham

¹ Palavras escritas no singular e masculino por se constituírem em representações idealizadas que temos por objetivo problematizar com esta pesquisa.

num mundo sem saída para força-los a se abrir em outras perspectivas, que os clichês são desconstruídos” (id., p. 25). Essa é a nossa intenção: problematizar as concepções hegemônicas escola, currículo, professor, aluno, desconstruindo clichês.

Questionamos nesta pesquisa: O que faz uma escola ser uma escola? Os elementos que constituem “o escolar” desde o século XVII continuam produzindo efeitos? São suficientes, estão defasados, precisam ser redefinidos? Existem, nos *espaçostempos* de escolas - nos movimentos cotidianos de currículos - brechas, fissuras, rasgos, que nos permitam pensar/constituir/encontrar uma estética e uma ética outra para esses *espaçostempos*?

Assim, partir dos encontros com escolas distintas, propomo-nos a identificar e quebrar os clichês² (Deleuze), potencializando, quiçá, a aparição de outras imagens de pensamento para escolas, currículos, professorxs, alunxs. Essa experiência pode nos levar a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder.

Nossa ideia com esta pesquisa é, em suma, problematizar a identidade (a escola, o currículo, o professor, o aluno) e potencializar a diferença (escolas, currículos, professorxs, alunxs) que constituem os *espaçostempos* da escola. Partilhamos da concepção de que a diferença difere, ontologicamente, da diversidade. A diferença, segundo Silva, está no múltiplo e não no diverso.

A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é um fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças – diferenças que são irredutíveis à identidade. A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina. (SILVA, 2000, p. 100)

Concebemos, assim, que a diferença não pode ser subordinada às relações de representação de igualdade, de identidade, pois o que está em jogo, aqui, é a diferença enquanto singularidade, ou seja: suas relações, que são devires; seus acontecimentos que são hecidades; seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; seu modelo de realização, que é o rizoma; seu plano de composição, que constitui platôs; aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.8). Questionamos: Diversidade ou diferença? Como se compõe a concepção que habita o imaginário dos *praticantespensantes* da Educação? Existe um lugar constituído em nosso imaginário que seja destinado a habitá-lo? É possível desconstruir esse lugar, compondo

²Para o filósofo francês Gilles Deleuze (), “temos esquemas para nos esquivarmos quando é desagradável demais, para nos inspirar resignação quando nos é horrível, nos fazer assimilar quando nos é belo demais. Notemos a esse respeito que mesmo as metáforas são esquivas sensório-motoras, e nos inspiram algo a dizer quando já não se sabe o que fazer: são esquemas particulares, de natureza afetiva. Ora, isso é um clichê. Um clichê é uma imagem sensório-motora da coisa”.

narrativas outras de seu cotidiano, e apresentando-as a esse contexto, com o objetivo de forçar o pensar práticas e compor imagens de pensamento outras para escolas, currículos, professorxs, alunxs?

Compreendemos, neste projeto, que as imagens e sons, podem nos ajudar a compreender os “mundos culturais” que habitam escolas, currículos, professorxs e alunxs, bem como podem fornecer pistas para problematizá-los, questioná-los, desmanchá-los, pensando, conjuntamente, que outros mundos, outras escolas, outros currículos, outros professorxs, outros alunxs, outras sexualidades, outras cores, outras multiplicidades/singularidades, podem constituir diferença em nós; podem nos afetar, constituindo outros modos de conceber e lidar com e a partir da diferença na educação, no cotidiano escolar e no currículo.

JUSTIFICATIVA³:

E deixa-me dizer-te em segredo, um dos grandes segredos do mundo: - Essas coisas que parecem não terem beleza nenhuma - é simplesmente porque não houve nunca quem lhes desse ao menos um segundo olhar.

(QUINTANA, 2012, p. 10)

A ideia de um caminhar deslocando o olhar para ver novamente nos parece uma boa justificativa para este projeto. Sempre há um outro prisma para olhar, sentir, pensar o mundo e ver para além do que está instituído, de modo a permitir estar fora de uma posição unilateral e engessada e nos permitir “cultivar a arte de inventar” (OLIVEIRA, 2010, p. 87) novos olhares, *afectos e perceptos* (DELEUZE, 1995) sobre coisas corriqueiras...

Pretendemos, com este projeto, potencializar *microacontecimentos*⁴ que habitam o *espaçotempo* escolar e que, muitas vezes, escapam ao nosso olhar. Propomo-nos a habitar a escola e acompanhar seus movimentos de forma mais vagarosa, atenta, rigorosa, afetiva. A partir dessa pausa para olhar desapressadamente, abrimo-nos a *encontros* que possam produzir sensibilidades outras, capazes de mobilizar modos outros de sentir, pensar e agir em relação aos dispositivos que habitam e fazem funcionar a maquinaria escolar. Encantar-nos por coisas pequenas e inapreensíveis que possam agenciar “outras maneiras de existir, produzir

³ Texto escrito em coautoria com Luana Nogueira.

⁴ Apoio-me na noção de *microacontecimento* para denotar importância aos pequenos, quase invisíveis, *acontecimentos* que ocorrem em nosso cotidiano.

aprendizagem e estabelecer diferentes dimensões de sentido e contagem” (OLIVEIRA, 2010, p. 98).

Apostamos, nesta pesquisa, no conceito de *experiência* proposto por Larrosa (2014) e de *agenciamento* criado por Deleuze e Guattari (1995). Entendemos a experiência como aquilo que nos passa, nos toca, afeta e modifica; enquanto possibilidade de descobertas que fogem aos nossos sentidos e afloram novas possibilidades de olhar/pensar/sentir/ouvir o mundo. Assim, concebemos a experiência como fruto de agenciamentos que são estabelecidos a partir de *encontros* com o outro e de conexões que trazem potências de *ser* e *agir*. Os agenciamentos se “formam e igualmente se desfazem no ‘calor’ dos encontros no cotidiano” (OLIVEIRA, 2010, p. 96). São essas noções que nos possibilitarão sentir a escola a partir de todos os sentidos (ALVES, 2015) e, quiçá, oportunizarão causar perplexidades, “tremores” ao pensamento, a partir de situações que ali habitam os cotidianos escolares, que movimentam os currículos, que constituem sujeitos professorxs e alunxs, e que sempre estiveram ali, mas que nosso olhar acostumado, não viu.

Nossa intenção é problematizar, assim, esse lugar nomeado de normalizador, utópico, disciplinador, desenvolvimentista, excludente, desagradável, enfadonho, anacrônico, obsoleto; uma instituição entendida como mero espaço de transmissão de conhecimentos científicos; um lugar “das impossibilidades, o lugar do não” (ALVES; GARCIA, 2000a), etc.; mas que, ao mesmo tempo, é visto como um lugar de possibilidades indetermináveis, o “espaço de sonhos” (ALVES, 2003), um ambiente “amigável e solidário de aprendizagem”, iluminado pelo brilho dos inícios (ALVES, 2001), o *espaçotempo* de “redes de múltiplas relações e movimentos” (ALVES; GARCIA, 2000a), um espaço de permanente *dever*, enfim, sobre o lugar que “nos puxa da nossa ‘direção natural’, que nos força a atravessar o rio e deixar o nosso ninho” (LARROSA, 2017, p. 38), um lugar chamado *escola*.

Ao compor cartografias de escola, este projeto objetiva elogiar a escola. Inspiramo-nos em Larrosa, para justificar a palavra elogio. Elogiar, em seu sentido grego, é “mostrar o que ela é, de mostrar as virtudes da escola” (LARROSA, 2017, p. 15).

Buscamos uma leitura diferente sobre o que é a escola e os elementos que a compõem. Empenhamo-nos em exercitar a sensibilidade e senti-la com todos os sentidos.

escutar a escola, sentir a escola, prestar atenção na escola, sem deixar seduzir ou distrair pelos ornamentos, pelo que a escola não é. E isso não para petrificar a escola, ou para dar uma ideia fixa, rígida, dogmática, do que a escola é, mas manter viva a pergunta “o que é a escola?” (LARROSA, 2017, p. 252).

Nas palavras de Masschelein (2018), pretendemos *fazer visível o invisível*, *dizível o indizível*, *sentível o insentível*, e viver a situação de *Kóans*, proposta por Alves (2001), isto é, cair nas rachaduras, fissuras, brechas de nossos saberes e poderes e, quiçá, nos tornar outros.

4 OBJETIVOS:

4.1 OBJETIVO GERAL:

Realizar um exercício de composição de Retratos de Escolas, em seus movimentos instituídos e instituintes, abordando críticas e defesas desse espaço-tempo e sua força na constituição de subjetividades e transformação de vidas;

Realizar um exercício de composição de Retratos de Escolas, em seus movimentos instituídos e instituintes, abordando críticas e defesas desse espaço-tempo e sua força na constituição de subjetividades e transformação de vidas;

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender sentidos hegemônicos de escola, currículo, professor, aluno, analisando as condições que possibilitaram a emergência dessas práticas discursivas e não discursivas, problematizando-as;
 - Cartografar sentidos *outros* de escolas, currículos, professorxs, alunxs, que acontecem em espaços-tempos de escolas públicas urbanas, do campo e indígenas;
 - Compor narrativas escritas e audiovisuais que oportunizem o “tremores” ao pensamento hegemônico com acontecimentos cotidianos que movimentam os *espaçotempos* das escolas e dos currículos;
 - Identificar críticas feitas à Instituição Escola na contemporaneidade;
 - Potencializar discursos que enaltecem a defesa e o elogio à Escola
-
- Realizar formações continuadas de professorxs a partir das narrativas escritas e audiovisuais resultantes do projeto.

5 METODOLOGIA:

Não há método, não há receita,
Somente uma grande preparação.
(Gilles Deleuze)

Não há métodos, não há receitas... mas, como diria Foucault em A ordem do discurso, a academia nos impõe formas ritualizadas, não tendo muito como fugir de um Discurso do método, mesmo sendo ele, uma grande preparação.

Então, vamos lá!

Esta pesquisa se caracteriza enquanto um projeto guarda-chuva que se propõe a problematizar os *encontros* que acontecem em escolas públicas do município de Cáceres e reverberam em Currículos, não reproduzindo códigos estabelecidos, mas experimentando maneiras *outras* de ver, ouvir, sentir e traduzir aqueles *espaçostempos*, seus movimentos, seus habitantes.

Propõe-se que seja desenvolvida no período de dois anos, entre Setembro de 2022 a Setembro de 2024. Pretende-se, nesse percurso, apresentar resultados de subprojetos de Pesquisa desenvolvidos por professorxs e alunxs da graduação e da pós-graduação. É válido notar que todos os projetos tem como foco problematizar conceitos hegemônicos de Escola, Currículo, Professores e Alunos, desnaturalizando-os. Os temas dos subprojetos se encontram ao final deste projeto.

1º MOMENTO: Pesquisa arque-genealógica

Objetivando compreender sentidos hegemônicos de escola, currículo, professor, aluno, analisando as condições que possibilitaram a emergência dessas práticas discursivas e não discursivas e problematizando-as, a equipe do Projeto realizará estudos de distintas teorias, conceitos, etimologias, histórias e estórias, que farão parte do referencial teórico-epistemológico da pesquisa. Para desenvolver esse momento da pesquisa, teremos como inspiração a análise arque-genealógica desenvolvida pelo filósofo francês Michel Foucault.

A partir de uma análise das pesquisas que realizou, Foucault diz que essas não pretenderam apontar um caminho que indicasse alguma direção pré-determinada, que levasse a uma verdade, a uma essência. Segundo ele “estas pesquisas se arrastam, não avançam, se

repetem e não se articulam; em uma palavra, não chegam a nenhum resultado” (Foucault, 1999, p. 167).

Para o francês, esse é um tipo de análise possível porque foi constituído em um período histórico que caracteriza como aquele que propiciou a eficácia das ofensivas dispersas e descontínuas. Dentre as inúmeras eficácias deste tempo o filósofo cita o entrave dos discursos totalizantes e globalizadores em favor do retorno do saber, ou da insurreição dos saberes dominados. Tratam-se, assim, de pesquisas que priorizam saberes locais, “uma espécie de produções teórica autônoma, não central, isto é, que não tem necessidade, para estabelecer sua validade, da concordância de um sistema comum” (id *ibidem*, p. 161). Um saber real, contingente, sem hierarquias e com vida! Essa é nossa intenção ao problematizar os discursos produzidos historicamente, que instituem um ideal de escola, currículo, professor e aluno. Pretendemos, a partir de nossa incursão pelo pensamento hegemônico, quebra-lo em mil pedaços e ver sair das ruínas das narrativas, os saberes dominados – que foram sepultados e mascarados por conteúdos e sistematizações formais, formando saberes sem vida. Pretendemos visibilizar, fazer ouvir saberes “desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados”, encontrando, “a clivagem dos confrontos, das lutas, que as organizações funcionais ou sistemáticas têm por objetivo mascarar” (id, p. 170).

Foucault prossegue perguntando: os saberes desenterrados teriam força suficiente para prevalecer? Essa prevalência dos saberes dominados, tão sonhada, não corre o risco de constituir-se em um novo discurso unitário e verdadeiro? Sua resposta a essas inquietações é que suas pesquisas não tem grandes pretensões. Pretendem, apenas, “evidenciar o problema que está em jogo nesta oposição, nesta luta, nesta insurreição dos saberes contra a instituição e os efeitos de poder e saber do discurso científico” (id. p. 174).

Para fazer com que esses conteúdos históricos trouxessem à cena os saberes dominados, Foucault desenvolveu três tipos de análises que ora são denominadas como três domínios, ora como três eixos, ora como três grandes campos discursivos “que guardam entre si uma rica variedade de laços de continuidades e descontinuidades, de diferenças e semelhanças, de identidades e rupturas” (GARIBAY, 1994, p. 17). O primeiro campo discursivo é o da *arqueologia* – que investiga as condições que possibilitaram a emergência de um determinado saber; o segundo se refere à *genealogia* – que analisa como o poder atua na constituição dos saberes; e o terceiro campo se refere à *ética* – que procura elaborar uma ontologia histórica sobre as tecnologias do eu, ou seja, as relações do indivíduo consigo mesmo no processo de produção do si.

Neste primeiro momento da pesquisa, inspirar-nos-emos nos estudos arqueológicos e genealógicos desenvolvidos por Foucault. Pretendemos escavar as ruínas das narrativas dos discursos escola, currículo, professor, aluno, compondo sua arqueologia. Essa fase da pesquisa oportunizará compreender as condições que possibilitaram a emergência desses discursos, as relações desses com outras práticas discursivas e não discursivas, suas justaposições, suas diferenças. Nesse sentido, não há possibilidade de compor uma arqueologia do saber sem pensarmos, imanentemente, na genealogia do poder. Ou seja, pretendemos analisar as relações de poder existentes no jogo das práticas sociais concretas, entendendo seus mecanismos, seus efeitos, suas relações. Uma análise desse tipo só é possível quando compreendemos que o “poder não se dá, não se troca nem se retorna, mas se exerce, só existe em ação... não é princípio de manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo, uma relação de força (FOUCAULT, 1999, p. 175).

2º MOMENTO – Pesquisa Cartográfica

Para cartografar sentidos *outros* de escolas, currículos, professoxs, alunxs, que acontecem em *espaçostempos* de escolas públicas urbanas, do campo e indígena, adotaremos a Cartografia como inspiração metodológica.

Compor cartografias de escolas, esta é a ideia principal deste projeto! Propomo-nos a mapear o espaço físico de escolas? Não apenas, mas também. A cartografia aqui enunciada tem inspirações deleuzianas e se propõe a acompanhar movimentos daqueles *espaçostempos*, perceber relações, compor jogos de saberes e poderes, identificar enfrentamentos de forças, lutas, jogos de verdade, discursos, enunciações. Propõe-se a problematizar processos de objetivação, de subjetivação, de produção do si, de estetização de existências... Propõe-se a potencializar práticas de resistência e de liberdade. Assim, não se trata de um método geográfico apenas. Trata-se de estar no meio... acompanhar o fluxo... sentir os acontecimentos cotidianos que movimentam as escolas, compõem currículos, constituem os sujeitos que ali habitam e, muitas vezes, não são visibilizados pelo discurso hegemônico.

Uma pesquisa cartográfica é, para Deleuze (1997, p. 75), muito distinta da concepção arqueológica. A concepção arqueológica é, para o filósofo, profundamente “memorial, comemorativa ou monumental, que incide sobre pessoas e objetos, sendo os meios apenas terrenos capazes de conservá-los, identificá-los, autenticá-los”. Nessa concepção, há uma superposição das camadas que é atravessada por uma flecha que vai de cima para baixo, e trata-

se de sempre afundar-se (id). Ao contrário, a concepção cartográfica age por mapas que se superpõem de tal maneira que cada um encontra no seguinte um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem. De um mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos. Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras, que necessariamente vão de baixo para cima (id). Assim, procuraremos nesta pesquisa, acompanhar os deslocamentos que acontecem na escola, compor afetos, e, a partir daí, construir alguns mapas dessa experiência. Temos a intenção de trazer para esta pesquisa mapas permeados por impasses e aberturas, limiares e clausuras possíveis de serem narrados por estarem na superfície e por procurarmos, também, na superfície. A cartografia deleuziana requer agenciamentos. Nesse sentido, procuramos constituir agenciamentos com professorxs, alunxs, comunidade escolar, com práticas discursivas e não discursivas que compõem escolas e currículos. Procuraremos estar no meio... estar entre... brincadeiras, atividades, pátio, banheiros, corredores, portões, percursos, conversas, gestos, silêncios, sorrisos, comidas, cheiros... Todos se afetando e nos afetando. Agenciar, para Deleuze, é isso: estar no meio. E o francês prossegue, citando Lawrence: “o essencial é tornar-se perfeitamente inútil, se absorver na corrente comum, tornar-se novamente peixe e não bancar os monstros; o único proveito, dizia cá comigo, que posso tirar do ato de escrever, é o de ver desaparecer com isso as vidraças que me separam do mundo” (id: 66).

Oliveira e Paraíso (2012, p. 163) dizem que “a cartografia é uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da extravagância, da exploração”. Propomo-nos, com este projeto, acompanhar movimentos de escolas e compor, a partir desses, compreensões outras desses *espaçostempos*, dos currículos que os constituem e dos sujeitos que os habitam.

Acompanhar movimentos de escolas é uma ação que faz simbiose com meu⁵ corpo, com minha alma, há duas décadas e meia, quando comecei a trabalhar como professora da Educação Superior na área de Didática. Conceituar historicamente escolas, currículos, professorxs, alunxs, é condição para iniciar uma conversa sobre o processo ensino-aprendizagem, objeto de estudo da didática. No entanto, questões presentes nos cotidianos da escola, parecem-me, ficam silenciadas nessa disciplina. Movimentos que acontecem nos percursos, nos portões, entre os muros, nos pátios, nos banheiros, nos palcos, nas cozinhas de escolas, no fundão, nos silêncios, nas rebeldias, nas alegrias (...), parecem não caber nos conceitos pensados como necessários a serem ensinados em cursos de Formação de Professores.

⁵ Utilizo aqui, a primeira pessoa do singular por ser eu, a coordenadora do Projeto, quem compôs essa narrativa.

MOMENTOS CONCOMITANTES E SUBSEQUENTES:

Compor narrativas escritas e audiovisuais que oportunizem “tremores” ao pensamento hegemônico, a partir de acontecimentos cotidianos que movimentam os *espaçotempos* das escolas e dos currículos, e publicá-las;

Realizar formações continuadas de professorxs a partir de teorias relativas ao tema da pesquisa, bem como das narrativas escritas e audiovisuais resultantes do projeto. A formação continuada se dará, também, no cineclube (Re)Existência, *espaçotempo* criado pelo AIE e institucionalizado na UNEMAT.

6 HIPÓTESE OU RESULTADOS ESPERADOS:

Esta pesquisa foi proposta a partir de um lugar epistemológico que não tem as Hipóteses como possibilidade de compreensão do real. Não é nossa intenção “descobrir até onde vamos”, ou antecipar um futuro que está por vir. Pretendemos pensar algumas situações do presente, problematizando-as, desfamiliarizando-as, solapando as suas certezas, abrindo-as a um vir a ser sem projetos e sem promessas, a uma liberdade sem garantias (LARROSA, 2000).

Nossa intenção é produzir histórias do Presente – “ontologia crítica de nós mesmos”. Para viver o presente e tentar compreendê-lo a partir dele mesmo, necessário se faz que histórias sejam desconstruídas, evidências e universalidades sejam problematizadas, Leis sejam relidas, enfim, que o habitual seja colocado em questão.

A concepção teórica que propicia o tipo de análise que pretendemos realizar situa-se em uma perspectiva que rompe com a ideia de uma investigação que procura um modelo “iluminado” e “verdadeiro” que sirva de parâmetro para o conhecimento. Movimentamo-nos em uma perspectiva teórica de produção do conhecimento que questiona a realidade do mundo a partir de diferentes olhares, partindo de problemas e não de hipóteses e métodos acabados, definitivos e universais.

7 IDENTIFICAÇÃO DA EQUIPE DO PROJETO:

Toda equipe do projeto participa das atividades Ateliê de Imagem e Educação – AIE/PPGEdu/UNEMAT, criado a partir do Projeto de Pesquisa “Imagens e Sons como intercessores para pensar Infâncias e Diferença: problematizando a Educação, o cotidiano da escola e o currículo” (Portaria nº 819/2016). Além disso, cada membro da equipe desenvolverá um tema específico a partir deste novo projeto, conforme segue:

Prof. Dr. Dimas Santana Neves – Escolas e suas histórias

Profª Drª Luciene Neves – Gênero, sexualidades movimentando escolas e currículos

Mestrandos do PPGEdu/UNEMAT:

Tiago Silva Rabelo – Estéticas de Existências dos Jovens pantaneiros e currículo: entre pântanos e laços

*Rita de Cássia Beck - WXÃILXISU: RETRATOS DA INFÂNCIA KATITÂUHLU
UMA CARTOGRAFIA DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO NA ESCOLA MUNICIPAL
INDÍGENA NÛTAJENSU*

*Marizeth Amorim Campos - **Entre elogios e críticas à escola: Uma análise a partir do entre-lugar pantanal-escola***

*Nattan Ricardo de Campos- SUBJETIVAÇÃO RELIGIOSA/ESPIRITUAL NO
ESPAÇOTEMPO ESCOLA: UMA PROBLEMATIZAÇÃO A PARTIR DAS CRENÇAS E
DO RESULTADO ESCOLAR*

Aluna da Graduação – Orientandas de Trabalho de Conclusão de Curso

**8 INDICAÇÃO DE COLABORAÇÕES OU PARCERIAS JÁ ESTABELEIDAS COM
OUTROS CENTROS DE PESQUISA NA ÁREA**

O projeto faz parte do GEPECSCC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Currículo, Sociedade e Cultura Contemporâneos, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2001. Esse grupo compõe o GT-Currículo da ANPED e está entre os grupos associados ao Laboratório de Educação e Imagem do PROPed/UERJ, coordenado pela professora Drª Nilda Alves.

9 DISPONIBILIDADE EFETIVA DE INFRA-ESTRUTURA E DE APOIO TÉCNICO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

A estrutura do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Cáceres “Jane Vanine”, oferece boas condições de pesquisa, disponibilizando uma sala climatizada e com acesso a internet para que as reuniões do ateliê aconteçam. Todos os professores efetivos da Instituição tem Dedicção Exclusiva para Desenvolver as ações do projeto, com carga horária de 20 (vinte) horas semanais dedicadas a ele.

10 ESTIMATIVA DE RECURSOS FINANCEIRO DE OUTRAS FONTES

Não há solicitação dessa natureza em andamento.

públicas urbanas, do campo e indígena, compondo sentidos outros de escola, currículo, professor, alunx.																				
Produzir narrativas escritas e audiovisuais que oportunizem “tremores” ao pensamento hegemônico.	X			x		x		x		x			x				x			x
Concomitante ao desenvolvimento da pesquisa, serão oferecidos aos professores das escolas investigadas, cursos de formação continuada a partir das problematizações, produções escritas e audiovisuais resultantes da pesquisa		x			x		x			x				x				x		
Apresentar os resultados parciais e o resultado conclusivo da pesquisa em eventos nacionais e internacionais que sejam qualificados e que discutam a Educação e o Currículo, como ANPED, ENDIPE, SEMIEDU, JORNEDUC. Participar da reunião anual promovida pelo Laboratório Educação e Imagem coordenado pela profa. Dra. Nilda Alves, na UERJ-RJ;		x	x			x		x			x									
Realizar publicações em revistas qualificadas, apresentando resultados parciais e finais da pesquisa e organizar um livro como resultado final da pesquisa desenvolvida;				x				x						x					x	x

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOWICZ, Anete. **Infância e pós-estruturalismo**. São Paulo: Porto de Ideias, 2017.

ABRAMOWICZ, Anete. Sociologia da Infância: traçando algumas linhas. **Contemporânea**, v. 8, n.2. p. 371-383. 2018.

ALVES, L.; NOVA, C. (Org.). **Educação a distância**: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

ALVES, Nilda Guimarães; GARCIA, Regina Leite. **A invenção da escola a cada dia**. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000a.

ALVES, Nilda Guimarães; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da escola**. 2. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000b.

ALVES, Nilda Guimarães. **A aula**: redes de práticas – os processos cotidianos de ensinar e aprender. (Tese de titular). Faculdade de Educação/UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2000c.

ALVES, Rubem. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. – Campinas, SP: Papyrus, 2001.

AMARO, Ivan; SOARES, Maria da Conceição Silva. **Tecnologias digitais nas escolas**: outras possibilidades para o conhecimento. 1. ed. – Rio de Janeiro: De Petrus et Alii; Brasília, DF: CAPES, 2016.

ANDRADE, Nivea Maria da Silva. Práticas escolares como táticas criadoras: Os praticantes nas tessituras de currículos. 2011. 156 f. **Tese** (doutorado) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da UERJ, Programa de Pós-graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2011.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

AZEVEDO, Patricia Bastos de. História ensinada: produção de sentido em práticas de letramento. Rio de Janeiro, 2011. **Tese** (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infâncias e maquinarias**. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CANDAUI, Vera Maria. **Reinventar a escola**. – 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3. ed. Vozes Editora, 1998.

CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, n. 8, 2012.

CORAZZA, Sandra. Era uma vez... Quer que conte outra vez?: As gentes pequenas e o indivíduo. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DELEUZE, Gilles. **¿Que és un dispositivo?** Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1995.

ESTEBAN, Maria Teresa. Sala de Aula - dos lugares fixos aos entrelugares fluídos. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 19, núm. 2, 2006.

FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka (orgs.). **Liga, roda, clica**: estudos em mídia, cultura e infância. São Paulo, Papirus, 2008.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa. ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes e saberes**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

_____. **Os sujeitos praticantes dos cotidianos das escolas e a invenção dos currículos**. In: MOREIRA, Antonio F. Barbosa; PACHECO, José Augusto; GARCIA, Leite Garcia. (Orgs.). **Currículo: pensar, sentir e diferir**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2004.

_____. **Currículo, formação continuada de professores e cotidiano escolar**: fragmentos de complexidade das redes vividas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Pesquisa com o cotidiano**. Educação. Sociedade, Campinas, vol. 28, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso: 08 de julho de 2014.

_____, CARVALHO, M. Janete. **Lógicas de currículos em redes e projetos**: entre equívocos e possíveis no cotidiano. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. (Orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Rio de Janeiro: Editora DP et Alii, 2012

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GUÉRON, Rodrigo. **Da imagem ao clichê do clichê à Imagem: Deleuze, cinema e pensamento**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

FILÉ, Valter. **Batuques, fragmentações e fluxos**. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France. Tradução de Maria Ermantina Galvão. Ed. Martins Fontes, São Paulo, Brasil, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos. Responsabilização, meritocracia e privatização: conseguiremos escapar ao neotecnicismo? **Seminário de educação brasileira**. Simpósio PNE – Diretrizes para Avaliação e Regulação da Educação Nacional. Campinas: CEDES, 2011.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**, v. 27, n. 2, 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. – 4. ed. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

KOHAN, Walter Omar. **Devir-criança da filosofia**: Infância da educação. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

KOHAN, Walter Omar. Infância e educação em Platão. **Educ. Pesqui.** v.29 n.1, 2003a.

KOHAN, Walter Omar. **Infância**: entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor**: relatos de um viajante educador. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

KOHAN, Walter. Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: Walter Omar Kohan. (Org.). **Lugares da Infância**: filosofia. - 1ed. - Rio de Janeiro: DPA, 2004.

LARROSA, Jorge Bondía. **Seminário Educação Integral**: Crer e Fazer, 2013. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2013/04/09/o-papel-da-educacao-e-subverter-as-regras/>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

LARROSA, Jorge. **Elogio da escola**. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Tradução Cristina Antunes. 1. ed. - Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piroetas e mascaradas. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LAURO, Rafael. **Deleuze**: o que é filosofia? Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2014/11/12/deleuze-o-que-e-filosofia/>> . Acesso em 19 jul. 2018.

LEAL, Bernadina Maria de Sousa. **Chegar à infância**. Niterói: EdUFF, 2011.

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. **Espaço pantaneiro**: cenário de subjetivação da criança ribeirinha. Curitiba: CRV, 2017.

_____. A rotina do currículo na Educação Infantil. E a potência do ritmo? In: GRANDO, Beleni (org) **Crianças – infâncias, culturas e práticas educativas**. Cuiabá, EdUFMT, 2012.

_____. Experiência Coletiva: a força política da narrativa sobrevive no pantanal mato-grossense. In: CARMO, Jefferson Carriello do (org.) **Instituição escolar na diversidade: políticas, formação e práticas pedagógicas**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

_____. saberes ribeirinhos: o pantanal dobrado na alma das crianças que o habitam. In: RIBETTO, Anelice (org.). **políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.

_____. **Amizade... um refúgio necessário à educação de crianças (um filme, uma abertura à infância e ao mundo)**. Seminário REDES, ProPED, UERJ, 2014.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. -2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MORAES, Vinícius de. **A arca de Noé**: Poemas infantis. Vinícius de Moraes; ilustrações Laurabeatriz - 4ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MORAIS, Regis de. **Sala de aula**: que espaço é esse? – Campinas, SP: Papirus, 1988.

NARODOWSKI, Mariano. **Comenius & a educação**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NOTO, Carolina de Souza. A ontologia do sujeito em Michel Foucault. **Dissertação** (Mestrado). São Paulo: USP, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Práticas cotidianas e emancipação social**: do invisível ao possível. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP et Alii, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. – Petrópolis: DP et Alii, 2008.

- OLIVEIRA, Thiago Rannery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-posições**, Campinas, v. 23, n. 3, p.159-178, set./dez. 2012.
- PESSOA, Fernando. Comércio e Contabilidade. **Revista de Comércio e Contabilidade**. Lisboa, 1926.
- FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 03, p.45-59, jan./jun. 2013.
- QUINTANA, Mário. **A cor do invisível**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. – 2. ed. – Porto Alegre: Sulina, 2016.
- SANTIAGO, Larisse Barreira de Macêdo. O uso dos artefatos tecnológicos virtuais e digitais nas práticas educativas de letramento. 2014. 94 f. **Dissertação** (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2014.
- SAVIANI, Dermeval. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. **Movimento Revista de Educação**. Ano 3, n. 4, 2016.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Liberdades reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas do governo do eu. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SKLIAR, Carlos. Educar la mirada. Entrevista. **Revista “Sin puntero”**. Director: Sergio Kipersain. Editor: Carlos A. Tolosa. Nº 3. Julio de 2009. Disponível em: <http://www.laescuelaylosjovenes.blogspot.com.br/201002educar-lamirada.html>. Acesso em: 02 jan. 2020.
- SOARES, Maria da Conceição Silva; SANTOS, Edméa. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: ALVES, Nilda. Libâneo, José Carlos. **Temas de Pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- SOARES, Maria da Conceição Silva. Pesquisas com os Cotidianos: devir-filosofia e devir-arte na ciência. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 731-745, jul./set. 2013.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- VEIGA-NETO, Alfredo José da. **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.